

# ANTROPOLOGIAS DA PAISAGEM: UMA APRESENTAÇÃO - VOLUME II

PEDRO CASTELO BRANCO SILVEIRA  
THIAGO MOTA CARDOSO  
EMÍLIA PIETRAFESA DE GODOI

O dossiê “Antropologias da paisagem”, que a *Revista Ruris* traz em dois volumes, é o resultado de reflexões, debates e experimentações procedidos nos últimos anos por pesquisadores que, de diferentes maneiras, têm trazido a categoria paisagem para a centralidade de suas análises antropológicas. O dossiê tem como antecedentes o compartilhamento recente de práticas etnográficas em diversos fóruns de pesquisa, dos quais podemos destacar grupos de trabalho e seminários temáticos nas últimas Reuniões de Antropologia da Ciência e da Tecnologia e Reuniões Brasileiras de Antropologia, além de um curso organizado pelo Ceres/Unicamp<sup>1</sup>.

Paisagem é um conceito que adquire diferentes sentidos nos diferentes campos de estudo nos regimes de conhecimento ocidentais. Esta pode ser concebida, por exemplo, como: a topografia e a forma da terra de uma região determinada, a matriz florestal e hídrica de uma região, o terreno em que vive um povo, o fragmento de terra que pode ser visto de um mirante, ou o significado e representações deste conjunto natural para quem a contempla ou a vive (OLWIG, 2009; BESSE, 2006; BERQUE, 1991; DESCOLA, 2012). A paisagem se coloca ontologicamente, portanto, como um objeto do mundo real, como uma experiência visual ou como representação da totalidade da natureza, e estes sentidos se mesclam (ELLISSON e MAURI, 2009).

Assim, o uso contemporâneo da noção de paisagem (natural) como totalidade do real compreende, de um lado, um sub-

<sup>1</sup> Consideramos atividades motivadoras deste dossiê: a) o Seminário Temático “A ecologia política das paisagens mais-que-humanas: etnografias, engajamentos e práticas de conhecimento”, coordenado por Thiago Cardoso e Pedro Silveira na VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (REACT), em 2017; b) o Seminário Temático “Contaminações multiespecíficas: narrativas de mundos em ebulição”, coordenado por Nurit Bensusan, Henyo Barretto Filho e Thiago Mota Cardoso, na VII REACT, em 2019; c) o Curso “Experimentar antropologias ecológicas”, organizado pelo Ceres/Unicamp e ministrado por Pedro Silveira, em 2019; d) o Grupo de Trabalho “Antropologias da paisagem”, coordenado por Pedro Silveira e Thiago Cardoso na 32a. Reunião Brasileira de Antropologia, em 2020; e) o Seminário Temático Ecologia Política das paisagens mais-que-humanas: cosmopolíticas, alianças multiespécies e práticas de conhecimento, coordenado por Pedro Silveira e Emmanuel Almada, na VIII REACT, em 2021.

strato de impressão, a superfície terrestre tida como natureza, como uma massa plástica e, de outro, diversos agentes naturais e humanos dando forma e significado cultural a este substrato. Em outra chave epistemológica, num viés construtivista ou culturalista, paisagem pode ser considerada pelas representações ou significados atribuídos por determinada cultura, classe ou sociedade (COSGROVE, 1998). No plano de um relativismo cultural ou cognitivo a paisagem seria da ordem mental, verbal e textual, inscrita numa tela, num mapa, num fotograma (BESSE, 2006) ou na memória (SCHAMA, 2000). Assim, cada território seria afetado por qualidades paisagísticas de uma dada cultura, constituindo um constructo sociocultural. Ambas as possibilidades analíticas, seja o realismo universalista e o construtivismo relativista tratam de mobilizar práticas de conhecimento sobre a paisagem ancoradas em termos dos grandes divisores, como no dualismo entre natureza e cultura, ou entre paisagem natural e cultural, entre mente e mundo, entre sujeito e objeto e entre tradição e modernidade.

Paisagem, portanto, é uma categoria que tradicionalmente vem sendo compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Vista como um pano de fundo natural onde a vida social acontece, ou como uma resultante material das práticas culturais (simbólicas) humanas, tal conceito não forneceu um arcabouço analítico para os antropólogos até recentemente (SILVEIRA, 2007; CARDOSO, 2018).

Segundo Cardoso (2018), a concepção analítica de paisagem, apesar de sua utilização pela geografia e pela história das artes, ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, constituindo, conforme Elisson e Mauri (2009), um “objeto de discussão tardio”<sup>2</sup>, mesmo que a disciplina tenha em suas origens, dentre outras influências, a de geógrafos humanistas e tenha dialogado com a geografia ao longo do século XX através de conceitos como espaço, lugar, território e ambiente (GROSSMAN, 1977; COL-

LECTIF USART, 2008; PIETRAFESA DE GODOI, 2014). A ideia e a experiência de paisagem passaram a ser foco da antropologia no início dos anos 1980 e 90 (FELD e BASSO, 1996; CARDOSO, 2018). A partir deste período foram produzidas coletâneas importantes sobre os conhecimentos dos diversos povos e grupos humanos nos campos do que vem sendo chamado de antropologia da paisagem (HIRSCH e O'HANLON, 1995; FELD e BASSO, 1996). Muitos destes trabalhos articulam estas diversas temáticas atuando em diferentes regiões ou áreas etnográficas (HIRSCH e O'HANLON, 1995).

A paisagem aparece como uma abordagem controversa que têm como principais debates questões antropológicas sobre temas como representações sociais e relações de poder (BENDER, 1993; Saltman, 2002; MILTON, 1996), sobre a articulação entre os processos cognitivos, perceptivos e sensoriais dos modos de conhecer, bem como sobre as ontologias e teorias indígenas sobre o conhecimento e sua transmissão (DESCOLA, 1995; BASSO, 1996; JOHNSON; HUNN, 2012; INGOLD, 2000, 2011; SILVEIRA, 2009; 2011; CARDOSO, 2018), ou como provocação para tratar de processos discursivos-materiais de assembleias de muitas vidas (TSING, 2019; CARDOSO, 2018).

A partir do momento em que a antropologia passa a questionar dois de seus grandes divisores, sejam eles natureza/cultura e simbólico/material, a paisagem passa a não depender mais de uma lógica analítica de “figura e fundo”, e aparece como categoria interessante para abordagens processuais em etnografias que emaranham antropologia e ecologia. O trato dos grandes divisores ou dualidades do dito mundo moderno ocidental, quer seja entre espírito e matéria, mente e mundo, mente e corpo, natureza e cultura, subjetividade e objetividade, tradição e modernidade, perpassa muitas das questões relacionadas à reflexão antropológica sobre os processos ontoepistêmicos, ontogenéticos e políticos em torno da paisagem (JANOWSKI; INGOLD, 2012; INGOLD, 2000; 2012; 2015; JOHNSON; HUNN, 2012; TS-

ING, 2015; 2019; DESCOLA, 2019; RIVAL, 2007). Neste sentido campos como a etnoecologia da paisagem, história ecológica, o pós-estruturalismo, etnologia indígena, a antropologia rural, a antropologia da ciência, a antropologia fenomenológica, ecologia política e a etnografia multiespécie nos trazem contribuições teóricas relevantes para pensar o contraste entre as abordagens modernistas e relacionais sobre os conhecimentos tradicionais a respeito de paisagens, bem como suas configurações políticas ou cosmopolíticas. Estes campos servem de base para formulações teóricas de antropologias da paisagem.

Os artigos que compõem este dossiê refletem o momento em que, no Brasil, diversos antropólogos e antropólogas passam a experimentar as potencialidades da paisagem como categoria processual e relacional numa antropologia de socialidades mais-que-humanas. Neste espírito, o conjunto de artigos agrega pesquisadores e pesquisadoras em diferentes posições na formação acadêmica, apresentando artigos de profissionais de universidades e centros de pesquisa, com pesquisas provenientes de diversas situações etnográficas.

Paisagens aqui aparecem em movimento, entendidas por perspectivas ontológicas ou ontogenéticas, multiespécie e/ou produzidas em processos técnicos e ecopolíticos. Essa paisagem não-representacional pode então dialogar com outras categorias antropológicas ou mobilizadas pelos movimentos sociais, como por exemplo o lugar, o território, memória e o movimento (PIETRAFESA DE GODOI, 1998; SANTOS GRANERO, 1998; SAEZ et al., 2004; ECHEVERRI, 2005; ESCOBAR, 2013; DE LA CADENA, 2015; VIEIRA et al., 2015; IUBEL e SOARES-PINTO, 2017; CARDOSO, 2018).

O segundo volume é composto por seis artigos. O artigo que abre o volume, “Do igarapé ao Rip Rap: o processo de constituição da paisagem de um “lugar perigoso” em Manaus”, escrito por Silvia Adriana Lima Corrêa, trata da relação entre paisagens e lugares nos igarapés da cidade de Manaus. A autora mobiliza

noções como estigma e memória para lidar com paisagens vistas como perigosas no imaginário de boa parte dos habitantes da metrópole amazônica. A partir da análise da trajetória de degradação dos igarapés que entrecortam a cidade de Manaus e dos grupos sociais que moram em seu entorno, busca compreender assim as ideias de paisagem que se incrustam nos lugares vividos. A autora procura problematizar essa percepção do “perigo” associada à imagem dos igarapés entendendo que corresponde a uma construção social e disputas simbólicas pautadas em informações acionadas por via da *memória* e do *sensível*, que faz com que sejam estabelecidos previamente julgamentos diante do desconhecido.

O artigo “Andar e negociar paisagens: construindo a aldeia Ibiramã Kiriri do Acré”, de Fernanda Henrique Borges, nos conta da produção de um novo lugar de vida no Sul mineiro por indígenas kiriri saídos do sertão baiano em busca de uma terra. No movimento-deslocamento destes indígenas, no *andar*, vamos compreendendo que os humanos são apenas alguns dos seres que se encontram em relação na construção de um território de vida. Da relação com outros tantos seres resultam paisagens vivas e dinâmicas que são elas próprias expressão de um emaranhado de relações entre humanos, plantas, ventos, *encantados* e *ancestrais*. A autora nos mostra que muitas dessas relações implicam em sérias negociações, das quais depende, inclusive, a possibilidade de permanecerem na nova terra.

É também a partir das relações que, em “Num lance de vista: a paisagem como gesto de inscrição”, Maurice Tomioka Nilsson e Diego Viana partem do mito Yanomami do *Iwari*, em que os humanos adquirem o fogo, para ressaltar a tecnicidade e destacar o caráter relacional da subjetividade, sublinhando a apreensão da paisagem como multiescalaridade cronológica do espaço. O exercício dos autores, com ampla experiência de pesquisa junto aos Yanomami, se conecta à proposta de abordar a paisagem como amálgama entre sua dimensão objetiva e subjetiva, ou entre es-

paço geográfico e sociedade. Esta síntese se realizaria por meio do diálogo com a filosofia da técnica de Gilbert Simondon.

O artigo “‘É agrofloresta, não é conservacionismo’: As paisagens biossociais da permacultura”, de Gabrielly Merlo de Souza, nos propõe um entendimento das práticas ecológicas de permacultores e também das “respostas” de outros que humanos envolvidos em seus experimentos. Isto se fez junto a moradores permacultores em uma zona de uma unidade de conservação, situada na porção sul da Serra do Espinhaço em Minas Gerais, na qual se permitem interações multiespécies, compreendendo também humanos. Na perspectiva da autora, são experiências que permitem contar uma história de “paisagens animadas”, perspectiva que está distante daquela que compreende paisagem como pano de fundo para a ação humana. Com isso, procura revelar um outro “preservacionismo”, que envolve parceria, composição e alianças entre humanos e outros seres mais-que-humanos.

Em “.diversidade, ocorrências e distribuição de ressurgências criativas de assembleias multiespécies entre ruínas de uma ilha subtropical: uma etnografia”, Ivan Tadeu de Oliveira articula etnografia e arte (desenho) num esforço ensaístico criativo para contar múltiplas histórias de assembleias multiespécies sobre as ruínas e ressurgência. Em diálogo com Anna Tsing, o autor trata a paisagem como categoria e interlocutora etnográfica no campo da Antropologia no contexto do Antropoceno. Para o autor, quando corpos são interditados da experiência de coordenação com a atmosfera marítima, toda uma *cosmosensibilidade* deixa de se manifestar nos corpos dos habitantes da cidade, reforçando o distanciamento entre humanos e a paisagem, e entre humanos e os não humanos que resistem às perturbações ocasionadas por tais infraestruturas. O artigo chama atenção sobre como as perturbações ocasionadas pelas infraestruturas humanas na baía de Florianópolis estão impactando no decrescimento das diversidades ecológicas e culturais na paisagem.

O dossiê se encerra com o artigo “A fabricação da Natureza – transformações da paisagem e disputas políticas”, de Ramiro Valdéz. O autor narra a história de uma paisagem na Ilha de Santa Catarina onde um projeto de modernização florestal produz módulos homogêneos de árvores de pínus em meio a florestas nativas e dunas litorâneas. Conta a consecutiva substituição deste projeto estatal por outro, o de conservação ambiental, com a criação do Parque Estadual do Rio Vermelho. Descreve, assim, a floresta resultante das relações estabelecidas por estes processos sucessivos. O autor agrega à sua narrativa a existência, como constituinte e produtora desta paisagem, da comunidade quilombola de Vidal Martins, narrando o processo de sua expropriação e de sua luta por reconhecimento de direitos territoriais. Segunda Valdéz, “é uma luta pelo acesso às práticas de sentido que lhes foram interditas, e que, se retomadas, produzirão novas marcas singulares sobre a paisagem, orientadas pelo seu modo de vida”, luta que constituiria “um projeto de paisagem dissidente”.

Encerramos com o convite ao leitor e à leitora para adentrar as múltiplas dimensões e sentidos das paisagens trazidas nos volumes I e II deste dossiê.

## REFERÊNCIAS

BASSO, Keith H. *Wisdom sits in places: Landscape and language among the Western Apache*. UNM Press, 1996.

BENDER, Barbara. *Time and landscape*. *Current Anthropology*, vol. 43, 2002.

BERQUE, Agustin. *De paysage em outrepays*. Paris, *Le Debat*, 1991.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia*. São Paulo, *Perspectiva*, 2006.

CARDOSO, Thiago Mota. *Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica Pataxó no Monte Pascoal*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2018.

COLLECTIF USART. Géographie et anthropologie: deux regards complémentaires pour l'étude des territoires des populations traditionnelles d'Amazonie brésilienne. *Echogeo*, 7, 2008, pp: 112. COSGROVE, Denis. E. "The Idea of Landscape". In: *Social Formation and Symbolic Landscape*. Winconsin: The University of Wisconsin Press, 1998.

DESCOLA, Philippe. Landscape as transfiguration: Edward Westermarck memorial lecture, October 20151. *Dwelling in Political Landscapes*, p. 235, 2019.

DESCOLA, Philippe. Más allá de naturaleza y cultura. Buenos Aires, Amorrotu Editores, 2012 [2005]. DESCOLA, Philippe. *La selva culta: ecología simbólica y praxis entre los Achuar*. Quito, Editora AbyaAyala, 1996.

DE LA CADENA, Marisol. Earth beings. In: *Earth Beings*. Duke University Press, 2015.

ELLISON, Nicolas; MAURI, Mónica.M. Introduccion: Paisage, espacio y território: reelaboraciones simbólicas y reconstrucciones identitárias em América Latina. In: Ellison, N. & Mauri, M.M.(coord.). *Paisages, espacios y territorios*. Quito, Editora AbyaAyala, 2009, pp.732.

ECHEVERRI, Juan Álvaro. Territory as body and territory as nature: Intercultural dialogue. *The land within: indigenous territory and the perception of the environment*, p. 234-250, 2005.

ESCOBAR, Arturo. Notes on the Ontology of Design. *Indigenous cosmopolitics: dialogues about the reconstitution of worlds*, John E. Sawyer, Seminar on the Comparative Study of Culture, University of California Davis, 2013.

FELD, Stephen; BASSO, Keith (eds.) *Senses of Place*. Santa Fe: School of American Research Press, 1996

GROSSMAN, Larry. Man-environment relationships in Anthropology and Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, n. 67, 1977.

HIRSCH, Erich; O'HANLON, Michael (eds.), M. The anthropology of landscape: perspectives on place and space. Oxford, Series: Oxford studies in social and cultural anthropology, 1995

INGOLD, Tim. The perception of environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London and New York, Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Being alive: essays on movement, knowledge and description. London and New York, Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. The shape of the land. In. Arnason, A., Ellisson, N., Vergnust, Jo. E Whitehouse, M. (orgs.). Landscapes Beyond Land: Routes, Aesthetics, Narratives. Oxford, Berghahn Books, 2012.

IUBEL, Aline; SOARES-PINTO, Nicole. As T/terras e suas potências etnográficas. R@ U: Revista de Antropologia Social dos alunos do PPGAS-UFSCAR, v. 9, p. 7-13, 2017.

JANOWSKI, Monica; INGOLD, Tim (eds.) Imagining Landscapes: Past, Present and Future: anthropological studies in creativity and perception. Ashgate, Farnham, 2012.

JOHNSON, Lesley; HUNN, Eugene. Landscape Ethnoecology: Concepts of Biotic and Physical Space. Berghahn Books, 2012

MILTON, Kay. Environmentalism and cultural theory: exploring the role of anthropology in environmental discourse. London: Routledge Press, 1996

OLWIG, Kenneth R. Landscape, culture and regional studies: connecting dots. In. Castree, N. et.al. (eds.). A companion to environmental geography. Blackwell Publishing, 2009.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília. Le système du lieu: usages et représentations de la terre chez les paysans du Sertão (Piauí-Brasil). Thèse de Doctorat en Anthropologie Sociale, Université Paris X-Nanterre, 1998.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília “Territorialidade: trajetória e usos do conceito”, Revista Raízes, no. 2, vol. 34, p. 8-16, 2014.

RIVAL, Laura. Domesticating the landscape, producing crops, and reproducing society in Amazonia. In *Convergence and emergence: towards a new holistic anthropology?* (eds) David Parkin and Stan Ulijaszek, 7290. Oxford: Berghahn Books.2007

SALTMAN, Michael (ed.). *Land and Territoriality*. New York, Oxford International Publishers, 2002

SAEZ, Oscar .C.; LENAERTS, Marc; SPADAFORA, Ana Maria. *Paraíso abierto, jardines cerrados: pueblos indígenas, saberes y biodiversidad*. Quito, Editora Abya Yala, 2004.

SANTOS GRANERO, Fernando. Writing history into the landscape: space, myth, and ritual in contemporary Amazonia. *American Ethnologist*, 25 (2), 1998, pp. 128-148.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996

SILVEIRA, Pedro C.B. *Etnografia e questões socioambientais: esboço de uma antropologia simétrica da paisagem*. Recife, *Cadernos de Estudos Sociais* v. 23. n. 1-2 , 2007.

SILVEIRA, Pedro C.B. *Híbridos na paisagem: uma etnografia sobre espaços de produção e de conservação*. *Ambiente & Sociedade* , v. XII, n. 1 , p. 83-98, 2009.

SILVEIRA, Pedro C.B. *Conhecimentos científicos, conhecimentos locais e hibridismo: por uma etnografia simétrica da paisagem*. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGASUFSCar*, v.3, n.1, jan.jun., p.212-235, 2011

TSING, Anna Lowenhaupt. *The Mushroom at the End of the World*. In: *The Mushroom at the End of the World*. Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VIEIRA, José Glebson; AMOROSO, Marta; DE MATOS VIEGAS, Susana. Dossiê: Transformações das Territorialidades Ameríndias nas Terras Baixas (Brasil). *Revista de Antropologia*, v. 58, n. 1, p. 9-29, 2015.

---

PEDRO CASTELO BRANCO SILVEIRA – Pesquisador na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife-PE.

THIAGO MOTA CARDOSO – Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazona.

EMÍLIA PIETRAFESA DE GODOI – Professora Livre-Docente no Departamento de Antropologia da UNICAMP.